

## O gosto ácido do “não-lugar”: fragmentos da história masculina.

Henrique Felipe Cavalcante de Oliveira

A fim de destacar algumas identidades masculinas no cenário urbano, esse breve ensaio lança o seu olhar histórico em fontes orais e iconográficas de homens que buscaram, e buscam, representações masculinas que se elaboram e se reinventam a partir de suas subjetividades, ou seja, a partir da representação de si mesmo.

Ora! A velhice existe. Parece ser uma afirmação óbvia diante do curso da vida humana. Afinal, o Século XXI bate à porta da humanidade com o estandarte da velocidade numa diversão contemporânea em sacudir as ondas da novidade aos nervosos aplausos do efêmero, que na ânsia, não vê a hora do próximo bloco passar. É nesse contexto, que inserimos o sujeito masculino moderno mergulhado na geração dos envelhecidos, um lugar ocupado por muitos e certamente uma história que precisa ser reescrita e reinventada: a história da masculinidade.

De certo, as construções históricas da masculinidade apontam várias representações que estão cristalizadas na concepção em “tornar-se homem”, ou mesmo, torná-los homens. Signos como o trabalho; a hipersexualidade; a força; o falocentrismo e a violência estão presentes nos estigmas identitários da masculinidade e nas histórias de vida de sujeitos que chegam à velhice com vários requisitos para representar a masculinidade diante da família, do estado, da sociedade e de si mesmo. Portanto, vejamos o que algumas fontes iconográficas podem-nos revelar através das produções artísticas de homens que influenciaram a arte a partir de suas singularidades.

Certamente a mitologia grega é uma boa fonte como referência histórica para provocar algumas discussões nas continuidades e descontinuidades das relações entre tempo, velhice e masculinidade. O mito do Titã Crono<sup>1</sup> é um curioso exemplo que sinaliza algumas representações da violência, heroísmo e agressividade atribuídos ao

---

1 “em grego *Khrónos* é o tempo. Se, na realidade, *Khrónos*, o tempo, semanticamente a identificação, de certa forma, é válida: Crono devora, ao mesmo tempo em que gera; mutilando a Urano, estanca as fontes da vida, mas torna-se ele próprio uma fonte, fecundando Réia. [...] O fato é que Urano, tão logo nasciam os filhos, devolvia-os ao seio materno, temendo certamente ser destronado por um deles. Géia então resolve libertá-los e pediu aos filhos que a vingassem e libertassem do esposo. Todos se recusaram, exceto o caçula, Crono, que odiava o pai. Entregou-lhe Géia uma foice (instrumento sagrado que corta as sementes) e quando Urano, “ávido de amor”, se deitou á noite, sobre a esposa, Crono cortou-lhe os testículos. O sangue do ferimento de Urano, no entanto, caiu todo sobre Géia, concebendo esta, por isso mesmo, tempo depois, as Eríneas, os Gigantes e as Ninfas Mélias. Os testículos, lançados ao mar, formaram, com a espuma, que saía do membro divino, uma “espumarada”, de que nasceu Afrodite. Com isso, o caçula dos Titãs vingou a mãe e libertou os irmãos”.(BRANDÃO, 1998. P. 198).

gênero masculino. Ora, talvez esse exemplo nos sirva para refletir como as identidades masculinas são construídas historicamente ao longo do tempo, transitando nas mentalidades do homem ocidental entre o rude e a dureza das identidades históricas destinadas ao homem.

De acordo com a maioria dos olhares que são lançados sobre a mitologia grega, Crono representa uma “negatividade divina”, um mal necessário como signo do fim para o começo Olímpico dos Deus. Portanto, o signo do próprio mal é personificado por intermédio da velhice de um corpo enrugado, lembrada apenas nos momentos relacionados ao fim, a degradação e ao feio. Esse poderoso Titã do tempo foi destronado pelo seu filho Zeus, herdeiro de um perfil que traceja os caminhos percorridos pelo pai e que retrata várias situações de capricho, virilidade e um demasiado poder que legitima as identidades masculinas carregadas de soberania. Crono já sabia que o seu destino estava traçado, que o seu lugar seria arrancado por divindades que comemorariam a sua retirada da moradia dos Deuses e a libertação do temível tempo, um fardo que os moradores do Olimpo (e da terra) carregavam, impedindo o sonho da imortalidade e da jovialidade eterna como um farto banquete para o deleite hedonista.

Das imagens de Crono uma delas nos chama a atenção. Utilizando óleo sobre tela, o pintor espanhol Francisco José de Goya y Lucientes (1746 - 1828) produziu a imagem de Crono no quadro intitulado *Saturno*, um produto do século XIX que se encontra no museu do Louvre, em Paris.



01 – *Saturno* (1820) – Goya

Percussora do impressionismo, essa obra nos causa o impacto antropofágico, um jogo de cores vivas que faz surgir da escuridão os membros de um corpo velho, nu, desinforme, estupefato, devorador, ensangüentado e masculino. Os cabelos do personagem confundem-se com a barba, dando-lhe feições animais próprias da irracionalidade de um ser no auge do desespero, capaz de cometer a antropofagia genealógica com seu próprio filho para manter-se legítimo e territorializado.

Certamente, a singularidade dessa obra, divide opiniões entre os críticos a respeito da ligação da pintura com a vida Goya, acometido da surdez e da cegueira parcial a partir de 1798. O quadro *Saturno* foi uma das últimas obras do artista numa fase em que ele questionava a crueldade da guerra espanhola e a política Napoleônica, de forma que a denúncia social é visível em algumas obras anteriores sua, enfocando uma reflexão sobre os limites humanos de uma corte normatizadora, opressora e autoritária. Vale-nos lembrar que o artista produziu vários auto-retratos durante seu percurso artístico, registrando algumas das gerações em que passou, porém não pintou a sua velhice. Portanto, fica-nos a pergunta se a obra *Saturno* não seria a imagem representativa da velhice de Goya, a sua própria compreensão em “ser homem” velho no início do século XXII, um período onde o saber e o fazer artístico já sinalizavam as razões iluministas, fomentando os sujeitos e as identidades desnudadas a partir da própria arte.

É no século XVIII que o sujeito moderno se aproxima da autonomia e da solidão do indivíduo, sinalizando como um dos fenômenos mais ambivalentes da condição moderna. Sendo assim, o cenário cosmopolita das grandes cidades passa a configurar novas representações sociais masculinas a partir de demandar corpos disciplinados em um contexto de cotidiano frenético, guiado pelos valores burgueses que incentivam a representação social através do trabalho e da massificação. Certamente, o ditado popular “*o trabalho dignifica o homem*”, ressoou de uma forma hostilizantes nas mentalidades masculinas em épocas de veneração ao trabalho de modo que aspectos como esses instigam a valorização do homem racional a representar identidades normatizadas, normatizando a idéia do “homem polido”: uma tendência inspirada no sentimento nacionalista, legitimando a masculinidade familiarizada com os movimentos sociais e o trabalho industrializado.

Parece ser unânime a relação da masculinidade com o trabalho na cultura ocidental. É no século XVIII que a Teoria Darwiniana da divisão sexual do trabalho irá

reforçar o lugar público e produtivo do masculino através do Fordismo. Afinal, somente a identidade de um Super-homem estaria apta a inserir-se na monumental promessa industrial do capitalismo, revelando o fenômeno das devoradoras multidões, incumbida de testar os homens de ferro e os nervos de aço. Portanto, as novas representações produzidas a partir de um homem moderno passam a valorizar as características em manter uma postura refletida na vida urbana e cosmopolita, porém margeadas de outras identidades que escapam da normatização institucional, inventando o seu próprio cotidiano assim como os “gigolôs”, “os vagabundos”, “os moleques de rua” e o “homem da casa”.

Não obstante, as representações identitárias de operário marcam o processo histórico da masculinidade no século XVIII, deixando vários signos para os posteriores séculos, revelando novas resignificações em “tornar-se homem” no processo histórico. Portanto, essa afirmação irá transpassar as reflexões desse trabalho, seja nas análises indiciárias das imagens ou na análise discursiva oral das entrevistas concedidas pelos homens envelhecidos no século XXI.

Vejam os quanto à arte cinematográfica pode nos revelar as identidades masculinas que escapam das representações convencionais. A título de exemplo podemos relembrar a maioria dos personagens interpretados pelo ator e diretor Charles Chaplin<sup>2</sup>, representando outra face da masculinidade moderna, isto é, “um indivíduo confuso, sincrético e indefinido” (NOLASCO, 2001.p.23) diante do estranhamento na relação com o sistema econômico e social, que produz o “homem máquina”: modelo masculino que impossibilita o indivíduo a questionar como eles tornaram-se homens socialmente e historicamente. Em paralelo, a face cuidadora do homem surge em várias cenas retratadas na magnitude cinematográfica de Chaplin. Portanto, a sensibilidade masculina transpassa a identificação ligada ao afetivo, quebrando com o estereótipo de que a sensibilidade do homem é uma característica exclusiva aos poetas, aos artistas e aos efeminados.

---

2 Sir Charles "Charlie" Spencer Chaplin (1889 —1977) foi o mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais conhecidos. Seu principal e mais conhecido personagem foi "O Vagabundo (The Tramp)": um andarilho pobretão com as maneiras refinadas e a dignidade de um verdadeiro cavalheiro, vestindo um fraque preto esgarçado, calças e sapatos desgastados e mais largos que o seu número, um chapéu-coco ou cartola, uma bengala de bambu e sua marca pessoal, um pequeno bigode. Chaplin foi uma das personalidades mais criativas da era do cinema mudo; ele atuou, dirigiu, escreveu, produziu e eventualmente financiou seus próprios filmes.

Indiscutivelmente a sensibilidade é uma marca pulsante em vários aspectos nas obras de Charles Chaplin. Entre tantos iremos nos ater a dois deles: O processo de desumanização masculina e o sujeito desterritorializado.

As relações humanas, no ocidente, são profundamente marcadas pelo processo de desumanização a partir do século XVIII. Conseqüentemente, a masculinidade também é atingida por algumas fissuras identitárias.



02 – *Imagens do filme O garoto (1921)*

Vejamos a imagem 02. A presença dos personagens derrama uma pluralidade de significados para o espectador através do medo que se destaca no branco dos olhos do adulto da criança. De certo, o temor que entrelaça um abraço inseparável aproxima os rostos transfigurados pela dor da separação. A cena em que foi registrada a imagem 02 retrata uma tocante passagem do filme, quando o vagabundo tenta impedir dois agentes de levarem o garoto, já que o personagem de Chaplin não é seu tutor legal. Curiosamente, o filme revela uma sensibilidade extra na relação entre o vagabundo e o garoto, tratando-se do lugar cuidador do personagem adulto, ao fato de o filho recém-nascido de Chaplin ter morrido no começo das gravações.

Talvez possamos refletir um pouco sobre a relação entre o processo histórico da masculinidade e o lugar de cuidador. “O que opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”. (BOFF, 1999.p.33). De certo, as poucas discussões sobre o cuidado reduzem esse ato em algo que se aproxima de um dom ou um estado de espírito que estaria em alerta sempre, impregnando o ato de cuidar como algo instintivo, determinando assim os que são aptos ou não em ser um cuidador.

Talvez os próprios machismos da masculinidade e do feminismo tenham deixado de ver que o cuidado é algo que também pertence ao homem: um exercício que vêm se intensificando a partir do século XX. É nesse sentido que o masculino representado por Charles Chaplin em seu magnífico papel de *Carlitos* vem ser um antecessor da masculinidade no século XXI, onde os homens se territorializam e disputam as representações que se aproximam da sensibilidade. Não obstante, essa pesquisa não idealiza uma construção identitária da masculinidade de uma forma intrinsecamente palatável, consciente que vários destemperos, inclusive o da violência, transpassam os ingredientes em “ser homem” na contemporaneidade.

Descontraído, Charles Chaplin não perde o fio da crítica social. Na imagem 03, vemos Carlitos com um estampado sorriso no rosto, fazendo da alavanca industrial um mero apoio de seu deboche contra o sistema capitalista. No mais é importante atermos que o seu “bom humor” operário está longe de ser um reflexo de contentamento com a sua identificação trabalhista. Assim o personagem surge como um sujeito desterritorializado, tropeçando nas normatividades do fordismo e nas representações masculinas como um homem forte e ágil.



03 – Imagem do filme *Tempos modernos* (1936)

As fissuras da masculinidade contemporânea levam-nos as fontes orais de homens envelhecidos que puderam contar a sua própria trajetória em “tornar-se homem”. A partir de flechas da memória, o havido exercício de lembrar-se do passado remontam histórias marcadas pelas discontinuidades e estranhamento que estão enraizadas em representações de vários costumes tradicionais que não impedem a evidente passagem da masculinidade contemporânea para novas configurações, despertando novos elementos que compõem as identidades do homem “hipermoderno”

<sup>3</sup>. Tal afirmação guia essa pesquisa na curiosa busca em ir de encontro a essas novas mentalidades que desdobram posturas e representações do masculino.

Nas discussões que transitam o gênero masculino, queremos destacar as identidades que são elaboradas a partir das gerações, mais especificamente a velhice. Ora, a geração dos adolescentes tem uma presença tão marcante em nossa sociedade contemporânea que nos parecem sempre ter existido desde as civilizações antigas, não? Porém, essa nova categoria que está, ou deveria estar, entre a infância e a idade adulta foi uma criação do século XX, passando a fazer parte do curso da vida humana.

As idades da vida passam por subjetivações que são experimentadas diretamente pelo sujeito, fazendo-o vivenciar o acúmulo das gerações em sua própria experiência em passar pela infância, adolescência, idade adulta e envelhecimento. Porém, as gerações não são apenas uma experiência individual do sujeito, mas uma experiência histórica, onde cada uma delas transpassa por diversas identidades de acordo com cada tempo.

“Falar da periodização da vida e das relações entre gerações é[...] mostrar como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente com rituais marcando fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam.[...]”

A análise das categorias e dos grupos de idade é parte importante das etnografias preocupadas em dar conta dos tipos de organização social, das formas de controle de recursos políticos e das representações sociais.”(DEBERT, 2004. P. 39)”.

A socióloga e gerontóloga Guita Debert realiza uma reveladora análise sobre o processo de envelhecimento humano. Segundo suas afirmações, a velhice era de domínio privado há quarenta anos e passou a ser uma experiência social com marcante presença nos âmbitos dos debates políticos, do mercado consumidor, da renda familiar, lazer e turismo. Não obstante, a velhice tem se reinventado nos grupos de idosos e nas universidades, resignificando a identidade do velho inutilizado e da relação direta com a morte.

Os limiares da velhice são um interessante exemplo para analisarmos a “descronologização da vida” (MELO, 1986), uma característica ímpar da contemporaneidade, tratando-se das relações intergeracionais. Portanto, percebemos

---

<sup>3</sup> Termo usado por Lipovetsky para se referir a pós-modernidade. Segundo ele, falar de uma hipermodernidade seria mais cabível para o nosso contexto histórico, dando a idéia de continuidade, já que o Século XX e XXI tem vários costumes enraizados na modernidade.

uma tendência da sociedade contemporânea em instalar a ditadura dos jovens, ou seja, as sociabilidades e os códigos que dominam a informação levantam a bandeira da jovialidade e empurram o sentimento de que “estamos todos ado(l)e(s)cendo”(RAMOS, 2004).

“Essa tal de adolescência [...] tem todos os sintomas de duas doenças comportamentais recorrentes neste cenário: a falta de amor e a falta de limites. Todas as gerações estão se deixando contagiar por esta solidão egocêntrica, por essa demonização do outro, seja ele o pobre, o homem, a mulher, a criança, o negro, o homossexual, o da outra religião, o sem religião, o velho, o de rua. Não somos todos da rua, mas nenhum de nós está em casa. Onde estamos? Estamos sempre em trânsito e em lugar nenhum”. (RAMOS, 2004. p.2).

Essa tendência da sociedade brasileira e ocidental tem gerado fissuras nas identidades das gerações, principalmente dos velhos que tem sua representação ainda ligada à aposentadoria, a menopausa e a andropausa, demarcando socialmente o início da velhice.

No cenário da modernidade, o corpo passa a compor um conjunto de representações que transmitem a visibilidade do prazer e da auto-expressão, onde o corpo do homem envelhecido experimenta o gosto ácido do não-lugar. Esse sujeito indesejado pode ser percebido no âmbito dos seguintes segmentos: nas relações multigeracionais (os mais novos que desautorizam e ignoram a presença dos avós), na postura adotada por instituições (os grupos de idosos, que na grande maioria acabam negando a existência da própria velhice e transformam a terceira idade em um produzido espetáculo) e pelo próprio estado (que aplaude o rejuvenescimento da sociedade e trata a aposentadoria como um fardo fiscal). Portanto, foram as inflamações dessas representações no cotidiano moderno que despertaram as pesquisas direcionadas ao estudo da qualidade de vida do envelhecido e da própria história do envelhecimento.

Os estudos sobre envelhecimento apontam que o crescimento demográfico de idosos é uma realidade nos levantamentos de contagem humana no âmbito mundial. No Brasil, a parcela de idosos já posiciona o país na oitava colocação “à frente da Itália e da França [...] As mulheres vivem em média até os 75,5 anos, enquanto os homens têm uma esperança de vida menor: 67,9 anos.” (SPITS. C.2007)<sup>4</sup>

---

4 Folha Online. Folha de São Paulo. [www1.folha.uol.com.br/fofolha/cotidiano/ult95u120327.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fofolha/cotidiano/ult95u120327.shtml)

Movidas pela ontologia do presente, diversas ciências despertam os seus olhares para ressignificar o processo de envelhecimento humano e compreender esse universo hostilizado de estereótipos que depreciam a imagem do corpo velho e os elementos que dão significado a sua representação social.

“Que é ser velho? Pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.

Como se realiza a opressão da velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas.

Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência social dos velhos)” (BOSI,1994.p.18)

No campo das pesquisas, “o discurso gerontológico é um dos elementos fundamentais no trabalho de racionalização e de justificação de decisões político-administrativas e no caráter das atividades voltadas para um contato direto com os idosos” (DEBERT, 2004.p.228). Apropriando-se de várias ciências para dar voz e visibilidade a velhice humana, e contribuindo para desmistificar as legitimidades sociais impregnadas no curso de vida, que infantilizam e negam a velhice humana. Fruto do efervescente Século XX, as ciências gerontes são transpassadas por uma infinidade de movimentos sociais, entre eles o feminismo ativista da década de 70, direcionando temáticas ao envelhecimento feminino de uma maneira unilateral, portanto, causando vícios e criando lacunas nas reflexões que deveriam pensar o envelhecimento humano como uma questão que também faz parte do universo masculino. Assim, “a historiografia dos gêneros, da sexualidade ou das mulheres, não consegue ultrapassar a dicotomia entre estas duas esferas (o público e o privado), entre o lugar do sistema e o do mundo da vida, entre o lugar dos agentes econômicos, cidadãos políticos e pessoas jurídicas e o lugar da intimidade, da sexualidade e da afeição” (MUNIZ, 2003.p.23).

Sobre a História e suas operações historiográficas, a História tem acompanhado e colaborado com os estudos geracionais tendo em vista a crescente utilização da oralidade como legítima documentação nas indagações acerca do “fazer histórico”. Para somar às contribuições no âmbito da construção do “homem ordinário”<sup>5</sup>, a História cultural lança o seu olhar a partir dos sujeitos históricos que emergem de um lugar social, assumindo posições distintas onde os objetos da História ancoram-se na conexão saber-lugar e são permeados pelo corpo social em suas apresentações que ora sustentam e ora são sustentados por discursos produtores de textos históricos e são os resultado da relação lugar-tempo-sujeito-prática.

No Nordeste do Brasil, as academias de História já apresentam certa tradição nesse aspecto, como é o caso da Universidade Federal de Campina Grande, com programas de origem geracional PIATI/PAIR<sup>6</sup> e uma considerável proporção de trabalhos monográficos, que estão depositados nos arquivos do SEDIR<sup>7</sup>, destacando que a infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice são identidades construídas historicamente através de suas representações de acordo com cada época.

Afirmar que a velhice também é masculina, através da historiografia, implica contextualizar as tramas do cotidiano comum, que sombreiam as identidades e legitimam um envelhecimento masculino na atmosfera dos mais diversos perfis idealizados pela rede social, inclusive as identidades que estão ligadas à banalidade do risível e do caricaturesco. No mais, cabe tentar buscar o lugar de territorialização dentro dos discursos que deveriam dar visibilidade às representações de “homens velhos”.

Reconhecer a influência da instituição familiar nas representações sociais do masculino envelhecido passa a ser uma escolha dessa pesquisa. Sendo assim, as relações multigeracionais oferecem um fluxo abundante para analisar a relação de poder que transpassa o cotidiano familiar e está presente em situações que envolvem o cuidado, a violência, a sustentabilidade, a educação e a afirmação (ou negação), enquanto um membro da família.

Das várias discussões que refletem sobre a história da família, podemos citar a obra *A família em Desordem* (2003) de Elisabeth Roudinesco. A autora se debruça na análise das teorias do “Complexo de Édipo”<sup>8</sup> e “O Segundo Sexo”<sup>9</sup>, respectivamente de

---

5 CERTAU.M. recorre á esse termo para referir-se ao sujeito social que reinventa os códigos de poder institucional.

6 Programa Interdisciplinar de Apoio a terceira idade/Programa de Ações Intergeracionais em Rede.

7 Setor de Documentação de História Regional da Universidade Federal de Campina Grande.

8 Segundo Freud, o *Complexo de Édipo* verifica-se quando a criança atinge o período sexual fálico na

Freud e Beauvoir, como vozes do século XIX que influenciou a passagem das representações na mentalidade familiar moderna, ou seja, na substituição do “deus pai” clássico, para o “*pater familia*” da modernidade.

Para nossa pesquisa, iremos nos ater ao “deus pai” e o “*pater familia*”, termos usados pela autora para referir-se, simultaneamente, a deteriorização da figura do pai e a ascensão de um masculino ameaçado em ser punido por causa dos castigos e correções da paternidade, restando-o a ética como instrumento de relação com a família. Não obstante,

“O poder que o pai perdera sobre a cena das batalhas e da cavalaria logo foi reinvestido por ele no teatro da vida econômica e privada [...] A partir de 1889, e durante um século, o pai não se constrói como tal senão porque tem obrigações morais para com aqueles a quem governa. Seu Status lhe impõe obrigações e, caso não as observe, é capaz de naufragar na indignidade e perder seu direito a ser pai.(ROUDINESCO,2003.p.32-41)

Certamente, a pesquisa com os homens envelhecidos do Século XXI nos revelam encontros e desencontros com novas mentalidades que desdobram posturas e representações do masculino. Portanto, deixemos as fontes orais falar!

O cenário é a cidade de Campina Grande – PB que se localiza no Estado da Paraíba, região registrada pelo IBGE(2007) como o terceiro estado brasileiro que apresenta o maior número de idosos e longevos do país. Particularmente, a pesquisa foi realizada no bairro da Liberdade, situado na região sul da cidade, que tomou grandes proporções habitacionais a partir da década de 1940, visto que o bairro faz fronteiras com a antiga indústria algodoeira SANBRA<sup>10</sup>, que contribuiu consideravelmente no crescimento econômico do município.

É comum encontrarmos vários idosos que foram funcionários do setor industrial e guardam em suas memórias o grande *BUUM* econômicos do Ouro Branco<sup>11</sup>. Assim como as redes de sociabilidades que existiam, e ainda existem, nas particularidades do

---

segunda infância e da-se então conta da diferença de sexos, tendendo a fixar a sua atenção libidinoso nas pessoas do sexo oposto no ambiente familiar.

9 O “segundo sexo” foi uma das principais bases para o feminismo contemporâneo, movimento do qual Beauvoir, autora da celebre frase “nós não nascemos mulher, e sim nos tornamos mulher”, participou intensamente.

10 Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro.

11 Até a década de 1940, Campina Grande era a segunda maior exportadora de algodão do mundo, atrás somente de Liverpool, na Inglaterra. Por isso, o crescimento econômico ficou conhecido por “Época do Ouro Branco”, em alusão ao algodão e seus benefícios financeiros.

bairro, como a feira, os festejos da igreja de Santa Filomena e o curioso costume dos moradores em conversar nas calçadas. É nesse cenário vivo que encontramos os homens envelhecidos contadores de histórias<sup>12</sup> (histórias que revelaram episódios marcantes enquanto sujeito masculino nas suas representações de pai, marido, funcionário, membro da sociedade, filho, amante, aposentado e cuidador).

Os primeiros contatos que tivemos com os homens envelhecidos do bairro foram através dos grupos de idosos<sup>13</sup> que funcionam ativamente na SAB<sup>14</sup> do bairro. Sobre as primeiras impressões, os grupos mostraram-se bastante motivados e contentes com os encontros, apesar de alguns sentirem-se inibidos diante de algumas atividades realizadas.

Apesar dos “grupos da terceira idade” não serem o principal foco dessa pesquisa, eles foram indispensáveis para chegarmos aos homens envelhecidos. Devido a isso não podemos deixar de lançar um olhar atento sobre esse nosso principal canal de condução. De certo, os “grupos da terceira idade” viabilizam uma série de benefícios e transformam a vida de vários idosos que procuram uma rotina mais ativa. Porém, uma nebulosa reflexão sobre o reconhecimento da própria velhice em tais grupos é apontada em várias situações que foram registradas pela pesquisa. O relatório de uma das visitas demonstra algumas dessas passagens.

Uma simpática senhora nos recebeu de uma forma acolhedora e logo falou: *Seja bem vindo, meu filho, aqui não tem ninguém velho, viu? Só nos tratamos por rapazes e mocinhas [...]*. O grupo “Fios de Ouro” realizou uma dinâmica que foi apresentada aos integrantes, como “Você tira o Chapéu?”. Tal atividade despertou a curiosidade de todos que estavam presente para tentar descobrir qual seria a imagem que estaria escondida dentro de um chapéu de palha, que passou de mão em mão para cada integrante falar algum adjetivo sobre tal imagem. No final, foi revelado para todos que dentro do chapéu havia um espelho. Logo após a dinâmica, a líder do grupo orientou para formarem duplas, pois uma outra atividade seria realizada. Essa não ficou bem compreendida pelos integrantes, pois todos tiveram que, consecutivamente,

---

12 Resolvemos utilizar pseudônimos para os entrevistados a fim de reservar a privacidade, pois a presença dos “contadores de histórias” faz-se necessária para contribuir nas análises.

7 Denominados de “Fios de Ouro” e “Desabrochar”, tais grupos contam com a presença de mais de cento e cinquenta idosos que se encontram semanalmente e realizam atividades que envolvem dinâmicas, exercícios físicos e viagens.

8 Sociedade Amigos do Bairro.

cumprimentar-se, dançar, girar, bater palmas e dar uma “reboladinha” no final. A grande maioria tentou realizar da forma como haviam entendido, mas alguns se negaram a ter que rebolar, e desistiram da atividade, sentando-se nas cadeiras que estavam à margem do grupo. O início e o fim do encontro foram marcados por orações regadas de pedidos e agradecimentos espirituais [...]. Percebemos que alguns não rezaram as orações católicas da Ave-Maria e do Santo-Anjo, pois pertenciam a outras denominações religiosas.

Não por uma consciente negligência, mas a fala da “simpática senhora” retrata uma das tentativas de negar a velhice. De certo, a legitimidade das vozes tem um peso sobre as concepções de mundo dos idosos entrevistados. Portanto, o reflexo histórico da velhice humana na sociedade surge nas falas, revelando a representação da velhice como um lugar desautorizado, feio, doente, enrugado, surdo e todos outros subjetivos que se façam da velhice uma fase indesejada. Em contrapartida, um outro extremo surge na mentalidade do grupo, ganhando fôlego para externar um novo modelo de velhice baseado em frenéticas atividades físicas, no uso e abuso dos cosméticos e na negação da casa. Assim, a idéia da “terceira idade” assume uma conotação de “melhor idade” para naturalizar as piruetas e “reboladinhas” como uma nova receita de felicidade para os envelhecidos.

Outro aspecto percebido foi à falta de uma maior presença masculina como parte integrante dos dois grupos visitado. No “Fios de Ouro”, levantamos uma participação ativa de oitenta idosos que freqüentam as reuniões, porém somente seis homens compõem o grupo: uma representação mínima diante das propostas reintegradoras. Em contrapartida, a participação feminina é massiva e destaca-se em quase todo o decorrer dos encontros, seja nos momentos das atividades, seja na hora das decisões e sugestões necessárias.

Ora, talvez a ascensão do feminino esteja em evidência nas mulheres envelhecidas do século XXI, onde as representações de “dona de casa” passam para uma mentalidade que se aproxima do combatido machismo na década de 1970, isto é, a figura da “dona da casa”. Assim, o moderno século XVIII enfatiza os cuidados de manutenção do lugar privado (especificamente a casa) e das sensibilidades familiares à figura feminina, pois a ela é reforçado o lugar de cuidadora dos filhos, da cozinha, do aceamento da casa e da permanência em manter-se atenta em conter os olhares tristes ou alegres dos membros da família. Diante dessa imagem aparentemente cristalizada, procuramos o lugar social do homem envelhecido: um gênero semelhante a um

numeroso quebra-cabeça com várias peças a serem encontradas, revelador das fissuras provocadas na masculinidade durante todo o seu processo histórico da construção das imagens contemplativas do viril e do imbatível.

Gradativamente, o século XXI nos revela um perfil estampado nas representações sociais do sujeito masculino: o homem que cuida. Tal perfil aproxima a masculinidade de um tabu negado, durante todo o processo histórico, o reconhecimento e a permissão da sensibilidade masculina em constituir-se e reconhecer-se como um homem capaz de exercer a afetividade. No mais, cuidar de alguém significa ir além de viabilizar o sustento financeiro, pois se trata de incluir a afirmação e a aceitação de si próprio: um bem que cabe a atenção com a felicidade e a afetividade do outro. O homem cuidador da família e de sua companheira desperta novas identidades masculinas na relação do homem com a sociedade, permitindo um acanhado surgimento de perfis que cada vez mais ficam em casa e familiarizam-se com os afazeres domésticos, que até então continuavam a ser atividades referentes ao feminino.

Não obstante, a vida pública ainda é uma referência bastante presente na identidade masculina, existindo uma série de discursos por parte da família e do estado para manter o homem envelhecido na rua. Portanto, historicamente, a presença masculina na casa é relacionada aos desastres e a falta de jeito, um sujeito esdrúxulo e capaz de realizar as maiores “barbaridades” na cozinha e nos cuidados com os filhos

A aposentadoria do homem é um exemplo que reflete o “não-lugar” do masculino no ambiente da casa e a tentativa de permanecer na rua. No bairro da Liberdade é comum encontrarmos vários idosos homens que freqüentam a calçada dos amigos, a praça ou a feira para jogar dominó e baralho. Assim, esses pequenos grupos de homens envelhecidos têm encontros diários e com horários pré-estabelecidos para desfrutar do principal aspecto do jogo: a competição.

Ao visitar um desses grupos de jogos<sup>15</sup>, encontramos o Sr. Luiz, casado há quarenta e oito anos e pai de oito filhos, orgulha-se do vigor de seus 68 anos em ainda trabalhar com serviços de pintura, manutenção elétrica e alguns “bicos” na construção civil. Quando perguntado sobre o seu passado em algum momento em que ele tivesse achado importante ser homem, ele recorre as suas memórias para resgatar a sua representação social que o liga a rua, ou seja, ao trabalho. Em relato, Sr. Luis frisa que é

---

15 Esses grupos são diferenciados dos “grupos da terceira idade”, pois não são institucionalizados. O que motiva esses homens se encontrarem é o impulso de sociabilidade, não existindo nenhum líder ou mensalidade a ser contribuída.

aposentado da antiga Fracalanza<sup>16</sup> e destaca as normatividades que a empresa exigia dos funcionários nas questões que envolviam os horários, a disciplina, a vigilância por um “funcionário sóbrio” e com família constituída. Ao falar sobre os cargos superiores, ele direciona um respeito quase familiar, descrevendo a “bondade” daqueles homens que eram chamados de “Doutores”.

Das várias imagens que estão guardadas na memória desse homem, enquanto um trabalhador destaca-se um acidente de trabalho, que aconteceu com um de seus amigos de serviço. De uma forma comovente, conta que tudo aconteceu no turno da noite, onde o sono e a fadiga eram características comuns nos trabalhadores, e talvez por esses motivos, um dos funcionários que operava manualmente a máquina de fiar a fibra do sisal, teve a sua mão capturada pelo fiador que puxou todo o seu corpo para dentro. Sr. Luiz acompanhou toda tragédia de perto e relata que não agüentou a cena da retirada do corpo de dentro da traquitana que retalhou o seu colega de trabalho, e retirou-se do local. De acordo com ele, *“aquele homem perdeu a vida por nada. Se ele tivesse sido mais esperto, isso não teria acontecido nem com ele nem com outros que também já se acidentaram [...] o trabalho com as máquinas pesadas da indústria precisa de homens fortes e espertos para esse tipo de coisa não acontecer [...] a empresa gastava era muito dinheiro com advogado por causa dessas coisas”*.

Vejam os que o acidente é percebido pelo entrevistado como culpa do funcionário que por algum motivo se descuidou deixando aquilo acontecer. Dessa forma, a empresa não é questionada em nenhum momento a respeito das condições de trabalho. Fica clara a representação que a força e a esperteza têm a respeito da identidade masculina para esse homem envelhecido, de modo que o sujeito-homem tem que valer-se dessas características para legitimar o lugar de prodigioso e sobrevivente.

Sr. Luis é um homem idoso que não se familiariza com o cotidiano da casa, reinventando o tempo que antes era dedicado ao seu trabalho, para qualquer outra atividade que o faça sair de casa ou passar boa parte do dia em um quarto que fica nos fundos. Lá, ele inventa o seu mundo. Reutiliza eletrodomésticos quebrados para fazer alguns inventos de sua imaginação, um habito freqüente que foi percebido pelos seus netos, intitulado-o de *Prof. Pardal*. Talvez a produtividade industrial ainda esteja bastante viva na mão desse homem envelhecido que se representa socialmente na rua ou no quintal, pois a casa é um território de sua esposa, e essa deixa claro quando diz:

---

10 Indústrias de Cordas e Derivados da Fibra do Sisal.

*“Fico doidinha quando ele está em casa. Ele me aperreia demais! Mando logo ele ir para o escritório [quarto dos fundos] dele”*. Portanto, podemos ver que a maioria dos homens envelhecidos passa o dia fora de casa não por escolha própria ou por instinto masculino em estar na rua, mas por discursos que são produzidos pela própria família para “expulsar” esse homem de dentro de casa.

O gênero feminino demonstra a sua força e o seu poder dentro de casa e diante da família. Então, o que será que tem acontecido com as famílias que não tem a presença das mães? Vejamos: não estamos apenas falando da não-presença como um mero caso de óbito ou do abandono materno, mas também nos referimos às mulheres que passaram a ter uma referência, enquanto sujeito histórico, relacionada com a vida pública. Sendo assim, o homem tem compartilhado os cuidados para com os filhos e a casa. A representação social do homem é tocada pela sensibilidade no final do Século XXI, inflamando uma crise nas identidades masculinas que foi marcado historicamente por dosagens de violência e heroísmo.

A pesquisa constatou um aspecto que vale ser destacado: referimo-nos a forma contida da fala do homem e a dificuldade que o gênero masculino tem em desnudar-se nas palavras. Certamente que não seja uma característica unânime entre os homens, mas os nossos entrevistados foram monossilábicos nos primeiros contatos. Assim, o perfil enigmático transpassou pelo perfil dos idosos entrevistados. Em contrapartida, as suas companheiras ou filhas falavam sobre os seus sentimentos de uma forma bem mais espontânea.

Das histórias de vida contadas por nossos entrevistados tivemos acesso não só a memória desses homens idosos, mas também um pouco da intimidade comum a todas as casas. No decorrer da pesquisa, entrevistamos o Sr. Herculano: um viúvo aposentado, que desfruta uma vida sócio-econômica muito simples na altura de seus oitenta anos. Sempre simpático, ele conta de sua viuvez e da dificuldade em cuidar de oito filhos na simultaneidade em trabalhar de garçom e pedreiro. Porém, a prática de cuidador já havia feito parte de sua vida desde sua infância, pois sua mãe, viúva muito cedo, deixava-o cuidando dos irmãos mais novos para poder trabalhar.

Com muito orgulho de si, Sr. Herculano nos diz: *“Eu nunca deixei de namorar porque tinha que tomar de conta de meus filhos. Eu sempre fui 'pé-de-valsa' nas festas daqui [...]. Cansei de arrumar mulher que queria ser mãe deles, e até cheguei a botar uma dentro de casa, mas num deu certo porque das minhas crias só eu entendo”*. De certo, a viuvez não deixou muita escolha para ele, e algumas alternativas que poderiam

ser tomadas na defesa de ser impossível um homem terminar de criar tantos filhos não foram acionadas. Não obstante, é evidente que o simpático idoso contou com uma rede de solidariedade para auxiliar no acompanhamento dos filhos – irmãs, cunhadas, vizinhas etc. – mas essas figuras não eram sujeitos permanentes na família; apenas transitavam.

Questionado sobre os conflitos com os filhos, ele conta que teve algumas dores de cabeça com alguns.

“Tinha coisa que eu não sabia como fazer, mas tinha que fazer, sabe? Me lembro de uma vez quando uma das minhas filhas sangrou pela primeira vez. Ela era muito novinha! Acho que tinha uns 13 anos [risos]. Ela entrou em pânico e começou a chorar muito, pensando que iria morrer. Eu não sabia o que fazer. Como eu ia explicar aquilo pra ela? Nem eu sabia o que estava acontecendo direito. Foi então que vi que a minha menina tava virando mulher e tive que explicar pra ela, né? Fazer o quê?[...]. Cansei de ir comprar absorvente prá minhas filha[risos]. O dono da farmácia sempre me caçoava falando que nunca tinha visto um homem na farmácia comprar esse tipo de coisa.”

Um grande desafio foi enfrentado por ele, afinal tratar da sexualidade feminina com uma adolescente diante de sua menarca, necessita de algumas sensibilidades para explicar o curso biológico da fecundidade da mulher. Ainda assim, o Sr. Herculano fala que, por muitas vezes, trocou fraudas, aprontou mamadeiras, dormiu na cama dos filhos, lavou roupas, tratou das enfermidades dos filhos, cozinhou, aconselhou sobre namoro e os perigos da vida, e deu algumas correções com castigos e algumas palmadas.

Ao ser questionado sobre o que é ser homem, ele nos revela a sua concepção, dizendo que “*ser homem é ser um trabalhador honesto e um pai bom [...] mesmo com uma bacia na mão, eu sei honrar as minhas calças*”. Vejamos que o trabalho doméstico aparece na prática masculina como uma característica que poderia desautorizar a condição masculina diante dos filhos e da sociedade, no entanto a imagem de cuidador é acionada para legitimar o lugar do homem que se importa com a família e que está atento para perceber os filhos.

As lembranças não param de fluir em feixes que resgatam a vida conjugal. Sr. Herculano relembra os valores que recebeu de sua mãe sobre o tratamento com as mulheres e diz que “*o homem tem que ajuda a mulher [...] os homens do meu tempo*

*eram muito autoritários, por qualquer coisa mandava elas se calar e batia muito nos filho. O homem tem que trata bem as mulhe deve ser nossa companheira elas não são escrava, não.*

Fica claro a tentativa do Sr. Herculano em reescrever a história de uma masculinidade recheada de imagens associadas à violência e a intolerância. Certamente, uma tentativa em ter “acesso” a casa, uma volta ao lar! Pois o restabelecimento do lugar privado (a casa) é disputado com outros poderes que não estão, e nunca estiveram, em domínio somente do homem. Uma tendência bem mais perceptível na velhice.